

DANÇA? Ou o que quer que pulse!!!

*“Valoriza a chegada, a partida, a volta e a vida.
Os scratches, as batidas, cada dia é uma vida”*

Emicida

PARA COMEÇAR: COM QUEM, ONDE E QUANDO?

O Projeto "Dança? Ou o que quer que pulse!" foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Dr. Rui Cirne Lima com um grupo de aproximadamente 40 alunos que integravam o Projeto Novo Mais Educação¹ e o Grupo de Dança da escola, no período de setembro a dezembro de 2019. A escola está localizada no bairro Mato Grande, em Canoas/RS, em uma região de alta vulnerabilidade social e atende em média 270 alunos, sendo considerada uma escola de pequeno porte. Nas proximidades, ainda há uma área rural e a grande maioria dos alunos moram nestas áreas mais afastadas.

Na escola, o Projeto Novo Mais Educação acontecia no turno inverso das aulas regulares e atendia alunos dos 6º ao 9º ano. Os alunos ficavam no turno inverso ao ensino regular e tinham oficinas como os monitores contratados.

¹O Programa Novo Mais Educação foi criado pela Portaria MEC nº1.144/2016 e regido pela Resolução FNDE nº 17/2017 como uma estratégia do Ministério da Educação para melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola.



Fotos escola Rui Cirne Lima
Fonte: Acervo da escola

CAOS

É importante dizer que o início de tudo foi o caos que estava instaurado na escola naquele momento. Simplesmente perdemos o controle de alunos com idade para ser nossos filhos e que guiavam e comandavam tudo, trazendo um caos para o ambiente escolar. O grupo era formado por alunos de 6º a 9º anos que faziam parte do Projeto Novo Mais Educação. Eram 40 ao todo. Mas juntos pareciam 300. Ninguém mais estudava em paz. Nada interessava a eles. Se cortavam na escola. Namoravam pelos cantos. E até a professora do 1º ano, com os alunos bem pequenos, não tinha paz para dar aula porque eles faziam questão de pendurar-se na janela às gargalhadas dentre muitas outras coisas.

Na sala dos professores, como grupo pequeno e unido que somos, todos se questionavam: O que poderíamos fazer? O que interessaria? Como sair desse caos? Era urgente a tomada de atitude. Do grupo de alunos em questão, seis já haviam se cortado (na escola e em casa). Já haviam namorado fortemente (inclusive com gente de vigia). O que mais poderia acontecer? Quando pensávamos como tínhamos chegado naquela situação víamos vários fatores: a troca de professores, o despreparo dos monitores extremamente mal remunerados pelo projeto, as oficinas que não correspondiam aos interesses deste grupo, a separação deste grupo extracurricular da escola formal, a troca de coordenadores, a adolescência, as questões familiares extremamente complexas, a depressão, a falta de alternativas de vida e assim poderíamos escrever páginas se aprofundássemos esta questão.

Vale salientar que o Projeto Novo Mais Educação, do Ministério da Educação, pela primeira vez contemplava como público alvo alunos de 6º a 9º ano, com verba somente para pagamento de monitores, não havia verba para material ou outro investimento. Tinha como foco alunos com dificuldades no ensino formal ou com defasagem idade série. As oficinas de meio ambiente, dança, português e matemática haviam sido escolhidas em 2017, mas a verba referente ao projeto chegou apenas em dezembro de 2018 para iniciar as atividades em 2019. Eu assumi a coordenação deste projeto em agosto de 2019, sendo que o projeto já estava em andamento na escola desde abril.

Ao assumir essa função na escola, o trabalho com esses adolescentes me atingiu de forma pessoal e profissional: eu me sentia um fracasso por não conseguir resolver essa situação. Meu histórico profissional e acadêmico era no mínimo interessante. Tenho formação inicial em Magistério, Graduação em Educação Física, Especialização em Dança. Havia criado e coordenado na rede municipal por oito anos o Projeto Misturando Dança e Educação (de 2002 a 2010), um projeto de dança escolar, também no município de Canoas que criou notoriedade com os prêmios e viagens que fizemos por todo o Brasil. Comunidade vulnerável, periferia, projeto extra classe que envolvia alunos, pais professores, numa rede de apoio. Eu fiquei bem conhecida por este projeto e ali estava eu: dominada por 40 adolescentes.

Depois dessa experiência com o projeto de dança, na minha trajetória profissional, fui convidada para trabalhar na Secretaria de Cultura em que criei, juntamente com a Setorial de Dança, o Canoas Coletivo de Dança, um projeto piloto de companhia municipal. Viajei pelo Brasil em conferências, representando a Dança e a cidade de Canoas. Um currículo interessante e ali estava eu: me sentindo rendida. E de verdade, não estou fazendo drama.

Até bebida levaram para a escola. Um dos alunos ficou bêbado numa das saídas extraclasse e não pode participar da apresentação.



A IDEIA

Foi bem assim: Joana, para de se fazer de vítima e “toma as rédeas”, como se diz aqui no sul. Não havia tempo para desenvolver um projeto mais aprofundado onde pesquisariamos com os alunos seus interesses, o contexto, as curiosidades. Era necessário fazer uma mexida rápida.

Reuni-me com os colegas que também atendiam estes alunos e que trabalhavam nos setores mais diversificados da escola: biblioteca, sala de recursos, monitores do projeto. Percebemos que tínhamos algo em comum: todos já haviam trabalhado com arte ou tinham formação, mesmo que de forma empírica, ou já tinham se aventurado nesta área. Outra coisa ficou muito clara entre nós: o currículo formal não daria conta desta questão. Não conseguiríamos atingir estes alunos se nos estruturássemos como o currículo formal funciona. Aí entrava uma outra questão: trabalhei muito com arte até então, mas nunca no currículo formal. E já havia dado muito resultado. Tinha que ser por aí. A arte pulsava em mim. Pulsava naqueles colegas. Pronto. Precisávamos encontrar o que pulsava nestes alunos, o que trazia vida, o que emocionava. A arte emociona.

Estávamos quase lá. Então percebemos que iríamos por aí. Como no ano de 2018 conseguimos desenvolver um projeto de dança na escola, os alunos aguardavam que seguissemos com o trabalho em 2019, o que não ocorreu em função da falta de professores, causando uma desmotivação ainda maior. Como alguns alunos do grupo de dança faziam parte do Projeto Novo Mais Educação, achamos que esta retomada seria urgente. Iríamos tentar encontrar o pulso deste grupo. O retorno da dança seria o ponto de partida. Aí surgiu o nome: Dança??? ou o que quer que pulse! A dança já pulsava naquele ambiente escolar, mas e o que mais? Iríamos tentar descobrir. Assim, fomos traçando nossos objetivos: trabalhar a identidade, a valorização do eu, do espaço individual e coletivo, a estética como elemento de resgate, o conhecimento de novas formas e culturas. Queríamos enfatizar experiências com a arte que pudessem ampliar o olhar dos estudantes e buscar potências interdisciplinares que abrissem espaço para o desenvolvimento criativo dos adolescentes. Estávamos na estrada.

AS PARCERIAS

Depois de decidir junto aos pares na escola, começamos a pensar nas parcerias que poderíamos estabelecer sem recursos financeiros, na amizade. Era fim de agosto de 2019 e como havia pressa, pretendíamos iniciar no início de setembro. Entrei na hora em contato com a colega Rejane Ledur, uma referência para mim na área da arte, que havia me indicado para compor a Secretaria de Cultura em 2012 e que hoje compunha o time da Secretaria de Educação. Na hora ela achou que o projeto era promissor e trocamos ideias de como fazer e os profissionais que poderíamos contar.

Como no decorrer de toda a minha trajetória profissional, eu já havia cruzado com grandes profissionais da arte e, curiosamente, alguns deles estavam com sua história também perpassando por Canoas, busquei parcerias, apresentando o nosso problema, a nossa intenção e como precisávamos tecer esta rede de apoio. Não havia recursos financeiros e nossa estrutura era precária, mas conseguimos, com nossa vontade, emocioná-los e envolvê-los no projeto. Os profissionais que se envolveram com o projeto foram: Carlota Albuquerque[1], coreógrafa renomada, Tiago Rufoni, bailarino profissional, Jackson Brum[2], grafiteiro que tem obras pelo mundo todo e foi contratado em 2019 pela prefeitura para fazer intervenções urbanas comemorativas aos 80 anos da cidade de Canoas e Fabiano Gummo[3], artista visual que trabalha com sticker art e é professor de Arte da Rede Municipal de Canoas.

[1] Mais informações sobre a coreógrafa Carlota Albuquerque em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/09/Madrinha-do-21-POA-Em-Cena-Carlota-Albuquerque-diz-que-nao-quer-envelhecer-artisticamente-4599538>.

[2] Página virtual do artista visual Jackson Brum: <https://www.jacksonbrum.com.br/>

[3] Blog do artista Fabiano Gummo: <https://fgummo.blogspot.com/>

A ROTA

Assim que conseguimos “contaminar” os artistas que seriam nossos parceiros, definimos a rota: apresentaríamos ao grupo o universo das Danças Urbanas, do Grafite e do Sticker Art e trabalharíamos como eixo para a produção artística com Dança a depressão, as dificuldades encontradas, esta tristeza que abalava mais de 70% do grupo como mencionado anteriormente

O CAMINHO

A ideia era iniciar o projeto despertando a curiosidade dos alunos para a experiência com a arte, o olhar para o novo, para o caminho aberto, aquele que nos possibilita a excitação e curiosidade de um processo vivo. Então através da nossa parceira Rejane Ledur, entramos em contato com a Secretaria da Educação para conseguir o transporte coletivo e realizamos a saída pedagógica no dia 6 de setembro.

O objetivo era conhecer e apreciar as obras do grafiteiro Jackson Brum, espalhadas pelos viadutos da cidade, visitar os dois equipamentos culturais de Canoas (a Villa Mimosa e a Casa dos Rosa), o Teatro do Sesc (que tem a fachada grafitado por Jackson) e participar de uma oficina de dança com os profissionais parceiros, Carlota Albuquerque e Tiago Rufoni, na Antiga Estação Cultural. Essa saída foi sem dúvida instigante e cumpriu com o objetivo que tinha. A curiosidade havia sido despertada. Eles estavam encantados. Conhecer estes espaços culturais, visualizar as grandiosas obras do Jackson Brum e vislumbrar que logo ele estaria no nosso espaço abriu expectativas.

Fachada do Teatro do Sesc grafitada por Jackson Brum

O desafio era manter este encantamento e interesse pela experiência com a arte acesos. Leda Martins, em entrevista à TV UFMG[1], coloca que a arte é a que menos dogmatiza, que fornece inúmeras possibilidades de construção de um olhar humanitário e possibilita a construção de olhares diversificados sobre o mundo, sobre a existência humana e sobre tudo o que interfere.

As artes antecipam, problematizam, elas nos fornecem insumos que é da ordem do estético, da criação e da criatividade, elas nos permitem, habitar outros universos, outros mundos e por isso desenvolver olhares mais generosos sobre a nossa humanidade e sobre tudo aquilo que nos constitui. (MARTINS, 2019)

(Foto site: www.jacksonbrum.com.br)

[1]Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k52osVHhqtM>



Visita à Casa dos Rosa
Fonte: Acervo da escola

Estudo do Grafite

No dia 9 de setembro, na escola, iniciamos o estudo do grafite, sua história, como deixou marcas no mundo e sua função social, dando ênfase à história e ao trabalho do Grafiteiro Jackson Brum que, posteriormente, visitaria a escola para realizar uma atividade com os alunos. Relacionamos o que havíamos apreciado na visita com o estudo feito sobre sua trajetória como artista. Experimentou-se criar marcas e trabalhar a identidade, seus nomes em grafite, trabalhar em desenhos já prontos, ou seja, conhecer e vivenciar esta técnica de diferentes formas.

No dia 23 de setembro, enquanto já havíamos avançado na pesquisa do grafite, Jackson Brum visitou a escola, contou sua trajetória de vida semelhante à dos alunos e ensinou-os a grafitar nas paredes da escola, colocando a teoria estudada em prática e encantando-os com a vivência artística.

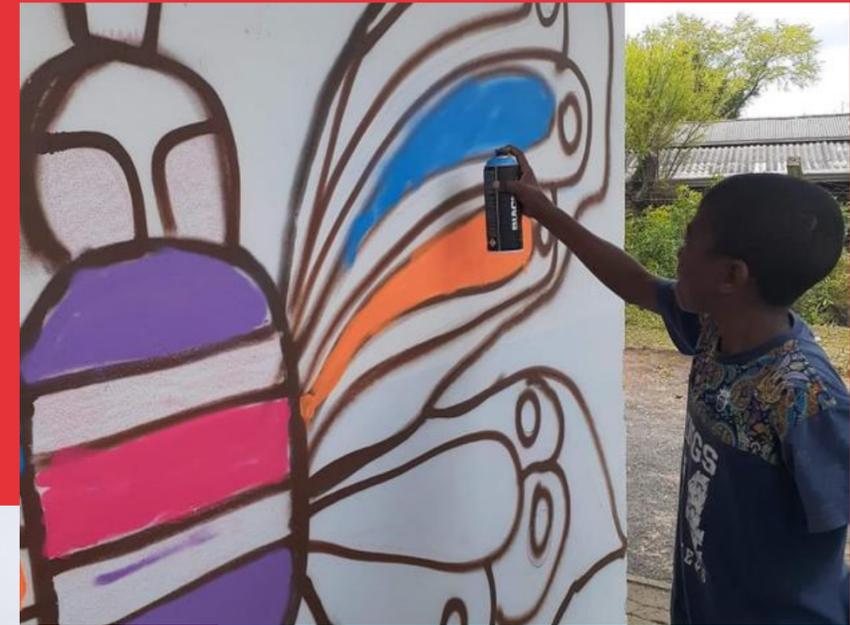


Intervenção artística no espaço escolar
Oficina com Jackson Brum
Fonte: Acervo da escola

Intervenção Artística

Então desenvolvemos o planejamento de uma intervenção artística para dar vida a espaços da escola desgastados, fizemos projetos de desenho, elaboramos e pesquisamos letras, formas e símbolos que fossem simbólicos e representativos. Este processo ocorreu durante todo o período de setembro a dezembro de 2019, enquanto outras etapas do projeto aconteciam. Precisamos, enquanto planejávamos os desenhos, fazer um movimento paralelo para arrecadar dinheiro para a compra dos Sprays, que custaram quase mil reais. Para a visita do grafiteiro, os professores compraram os sprays para o básico que seria necessário neste dia mas ainda havia restante do material.

O movimento aconteceu: quem no grupo sabe fazer o que? e assim, partimos para produzir na escola coisas que pudessem ser vendidas e revertidas para a compra dos sprays. Vendemos lanches, sacolés e arrecadamos roupas para fazer um brechó na escola. No dia 30 de setembro, fizemos a compra dos sprays e os alunos sentiram-se extremamente envaidecidos por terem arrecadado em tão pouco tempo este valor. Produziram, venderam, enxergaram o resultado.



Intervenção artística no espaço escolar
Fonte: Acervo da escola



Logo após a visita do Jackson, iniciamos a pesquisa e o estudo do Sticker Art e o conhecimento o trabalho do artista Fabiano Gummo. Início de outubro, logo após esta etapa, Fabiano esteve na escola e realizou a vivência de criar marcas e adesivos próprios com os alunos. Conhecer um artista tão próximo e suas obras enriqueceu demais a experiência.

Assistimos ao documentário "Sticker Connection" produzido pela Zeppelin, que aborda as conexões do artista Dione Martins, o Xadalu, de 29 anos, com outros artistas do sticker no mundo. Segundo Xadalu (2019) comenta no vídeo, numa época vazia em que muitas vezes se escolhe ver com olhos já inventados, toda forma de arte pode tornar-se uma experiência sensível.

Fabiano instigou-os a pesquisar símbolos que eles se identificassem sempre questionando-os: qual sticker vocês produziram que mais tivesse a ver com vocês?

Depois dessa visita, os alunos pediram, informalmente, para ensinar para os alunos das suas turmas, o que foi combinado com o professor e todos puderam, de 6º a 9º ano experimentar produzir "stickers". Detalhe: Fabiano doou os adesivos para a escola. Trazer para o conhecimento dos alunos o hip hop, por meio das aulas de danças urbanas, do conhecimento do grafite e de culturas tipicamente suburbanas (como o sticker art) causou identificação e interesse imediato dos adolescentes, por estarem em uma comunidade de periferia e também por estes adolescentes atingidos pelo projeto serem, em sua grande maioria, transgressores e estarem quase sempre sentindo-se deslocados nos espaços formais.

Assim, a arte urbana, que tem em sua história a transgressão, comunicou-se imediatamente com os alunos, instigando-os a pesquisar, a conhecer e tirando-os da apatia que tanto nos preocupava. Ana Mae Barbosa fazia sentido neste momento, pensava nela e seu pensamento ecoava (1995, p.12):

A função das artes na formação da imagem da identidade lhe confere um papel característico dentre os complexos aspectos da cultura. Identificação é sempre a produção de uma imagem de identidade e transformação do sujeito ao assumir ou rejeitar aquela imagem reconhecida pelo outro.

Era complexo e ao mesmo tempo atingia uma profundidade que eu não esperava, devido ao caráter emergencial do projeto.



Oficina de Sticker art com Fabiano Gummo

O FUNDAMENTO

Quando decidi fazer algo para modificar a situação, pensava nos mestres que haviam sido inspiradores para mim. Que fizeram parte da minha formação, que deixavam minha alma aberta para o novo, que me emocionavam .

Rudolf Laban, o precursor da dança criativa, Klauss Vianna, Ana Mae Barbosa e Isabel Marques sempre me inspiraram e guiavam meu caminho.

Não havia tempo para fundamentar teoricamente a pesquisa, o trabalho, a ação. Mas a minha trajetória estava fundamentada e o trabalho destes profissionais se encaixavam com os meus pensamentos e pulsava na minha alma.

Na hora que eu pensei em desenvolver o trabalho fui para a BNCC (site MEC <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/arte.pdf>) e pensava que o trabalho mesmo que, realizado informalmente e extra curricular, deveria estar engajado com os objetivos da arte na escola.

No início da pesquisa encontro esta frase:

"O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de ideias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico."

Estávamos no caminho certo. Iríamos inseri-los neste universo da Arte, de forma coerente, através daquilo que pretendíamos.

A DANÇA/O PULSO

Concomitante, desde o início de setembro até dezembro, aconteciam as aulas de danças urbanas e dança contemporânea ministradas por mim e o início do trabalho com a temática da depressão, que envolvia a grande maioria do grupo.

A primeira pesquisa: músicas, clipes, frases que se identificassem com o momento que estavam passando. Eles se descreviam “Sad” (triste em inglês).

Vários foram os elementos da pesquisa mas dentre eles surgiu o artista Emicida (rapper). Instiguei-os a pesquisar este artista porque achei que podia render frutos.

Conhecemos o trabalho dele, que tem sua trajetória toda pautada na cultura hip hop e que sempre tratou os problemas emocionais e sociais como alavanca para dar a volta por cima, superar dificuldades, encontrar territórios e significados próprios. Criamos uma coreografia que comunicasse esta temática: a depressão e as dificuldades da vida, tão presentes no cotidiano dos estudantes, integrando vídeo/dança, que simbolicamente trouxesse essas dores vivenciadas por 70% dos alunos do grupo e que, principalmente, pulsasse alternativas e possibilidades de superação.

Muitos foram os exercícios e criação de hipóteses corporais a partir de como se sentiam: que gesto desenha como eu me sinto quando não consigo falar? Quando não sou ouvido? A construção foi acontecendo em setembro, juntamente com vários projetos da escola que envolviam o Setembro Amarelo.

Assim, construímos um vídeo para ser fundo da nossa coreografia, que foi se construindo nos pilares: problema, sofrimento, superação e solução. Mas o ponto de interrogação existia sempre, porque tudo ainda era processo.

Quando pensávamos na culminância do projeto em dezembro pensávamos em apresentar os espaços da escola restaurados e através da apresentação da coreografia fazer um fechamento provisório do nosso processo.

Não era apenas dançar. Criar o figurino, construir o vídeo, eleger os elementos mais importantes para compor o resultado. Neste meio tempo veio o convite para abrir um tradicional Festival de Dança de Canoas que estava na sua 25ª edição e que motivou de forma incrível o desenvolvimento do trabalho. Esta coreografia foi apresentada pela primeira vez no Festival de Dança da EEEM Rondon, no Teatro do Sesc, como escola convidada. O Sesc significou sair do território conhecido para adentrar num outro universo. Era simbólico mas também prático. O encantamento, a realização de pertencer, de adentrar outros espaços era evidente no grupo.

Luz, palco, vídeo, um público de 300 pessoas.

Por quanto tempo ainda iríamos processar o que havia acontecido??



Apresentação de Dança no teatro do Sesc

Nas ações estavam sempre presentes a roda de conversas, a retomada da validade do que havíamos vivenciado e o exercício do olhar sensível, baseado sempre em três pilares: ética, empatia e confiança. Esses três pilares desde o início estiveram presentes como alicerce do trabalho.



A CHEGADA

De setembro a dezembro de 2019, de forma emergencial, imergimos no universo da Arte. É complexo, não há medidas, é sensível, abre caminhos, cria terreno fértil. Sabemos que semeamos mas a colheita ainda é incerta.

É sabido que muitas vezes a escola não consegue possibilitar novas práticas enriquecidas e aprofundadas devido à falta de recursos para atividades e demandas extras. Para o que pretendemos, foi necessário tecer uma rede de apoio com profissionais capacitados para desenvolver o trabalho de forma consistente, responsável e comprometida. A instituição escolar não consegue trabalhar sozinha com as necessidades que a cada dia vem se transformando, trazendo questões sociais e emocionais que, de certa forma, impedem a realização de um trabalho pleno na escola.

É de fundamental importância fazer com que os alunos se reconheçam como pessoas importantes, capazes de fazer parte de uma sociedade e encontrar caminhos significativos para construir sua história de vida. Conhecer que há alternativas de mudança e crescimento apesar de todas as dificuldades encontradas, faz com que haja uma instilação de esperança, trazendo a possibilidade de uma transformação de vida realmente efetiva.

“Um passo a frente e você não está mais no mesmo lugar”

Chico Science

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Educação e desenvolvimento cultural e artístico. In: Educação & Realidade v.20 n.2. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

CORDIÉ, Anny. Os atrasos não existem: Psicanálise de Crianças com Fracasso Escola. SP: Artes Médicas, 1996.

ZIMOVKSI, Adauany, JONER, Carla e MARTINS, Dione (orgs.). XADALU: Movimento Urbano. POA: Joner Produções, 2017.

MARTINS, Leda. Arte, educação e manifestações culturais. Youtube, 26 ago. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=k52osVHhqtM>>. Acesso em 23 out. 2019,